

Arquiteto Otávio Urquiza, Prêmio Ecologista do Ano José Lutzenberger – 2006

Por Jô Santucci | Jornalista

Natural de Curitiba (PR), Otávio Urquiza reside em Porto Alegre há mais de duas décadas, onde desenvolve projetos voltados à prática cooperativista e ecológica. Graduado em Arquitetura e Urbanismo pela Unisinos em 1983, fundou em 1992 com outros profissionais a Cooperativa de Trabalho e Habitação – Cooperativa de Trabalho Transdisciplinar Arcoo Ltda. Considerado o pioneiro do termo “paisagismo produtivo”, que são sistemas solidários que produzem alimentos, Urquiza acredita que a ecologia nos ensina a coletivização e a interdependência, o que torna uma arquitetura sustentável. Foi presidente de cooperativa de crédito e desenvolveu um sistema financeiro solidário, com regras de interdependências entre a produção, a manutenção da habitação e o sistema financeiro, gerenciado por cooperativas de crédito, trabalho e habitação. É o responsável técnico pela Arcoo, produzindo Ecoovilas, condomínios localizados em Porto Alegre, totalmente voltado para a construção sustentável. Em 2006, recebeu o Prêmio Ecologista do Ano José Lutzenberger. O arquiteto Urquiza conversou com a Conselho em Revista

Conselho em Revista – O que são ecoovilas?
Otávio Urquiza – Conjuntos humanos que projetam seus habitats a partir da interdependência da edificação, do paisagismo e da infraestrutura, aproveitando da melhor forma as energias naturais, como o sol, o vento, as águas e a própria biologia. As relações sociais também refletem esses paradigmas da cooperação e interdependência. Há uma rede mundial de ecovilas, a Global Ecovillage Network (GEN), mas que se escreve com apenas um “o”. Criamos uma marca “ecoovilas”, que alerta para a importância da coletivização econômica, do sistema financeiro solidário. A grande dificuldade das sociedades é reconhecer a economia como um tema importante, transferindo para o Estado e para os donos do capital acumulado esse papel. A coletivização dos recursos financeiros é determinante para a inversão do paradigma e a viabilização de uma nova sociedade e uma nova arquitetura simultaneamente. Precisamos criar “poder de realização” através da coletivização da economia. E eu acredito nas raízes *oikosnomia*, *oikoslogia*. Economia e ecologia têm a mesma raiz – *oikos* – que significa casa, a grande casa. A economia viabiliza



Urquiza: “o cooperativismo se espelha na natureza, onde não existe igualdade, mas equidade”

a grande casa, para todos os seres. Ecologia estuda todas as relações de interdependência e sustentabilidade dessa grande casa, de todos os seres. E um dado social é que vivemos uma antieconomia. A Arcoo é uma escola de economia de habitação e não de filosofias e comunicações alternativas.

CR – Ecologia é proteger o verde?

OU – Ecologia é mais que proteger o verde, mais que proteger a fauna – aquilo que ainda existe –, é “biologizar” (criar e resgatar sistemas biológicos) todos os espaços e aprender os valores com a natureza, com a ecologia e remetê-los para a economia, administração e arquitetura, conectando-os. Portanto, eu faço uma arquitetura com os valores da cooperação. É a interdependência, a solidariedade responsável entre os elementos, a multiplicidade de fatores que aprendemos com a natureza e com a própria arte. Na música clássica há uma solidariedade entre as notas musicais, entre os músicos, entre cordas, entre os instrumentos e um arranjo maravilhoso. E a arquitetura ainda faz ruído, compete com as notas, compete com o sol, com as paredes, com água, as pessoas estão competindo. Temos, então, de criar uma arquitetura solidária, com a engenharia, com a química, com a física, com a biologia, e trabalhar em ciclos como toda a natureza.

CR – É possível esta harmonia?

OU – Nós, da Arcoo, somos uma vertente clara nesse sentido. A Ecovila é um conjunto que tende à sustentabilidade, onde trabalhamos em ciclos, da edificação autônoma, do paisagismo produtivo e da infra-estrutura integrativa, nos aspectos físicos, químicos e biológicos. Na construção é isso, vamos fazer a edificação solidária ao sol, vento, água e a biologia. Na verdade, temos quatro fontes energéticas naturais de energia: sol, vento, água e biológica. Formando uma figura, temos três elementos no espaço construído: edificação, infra-estrutura e paisagem. Então, você casa esses sete fatores e começa a trabalhar na interdependência deles, sempre buscando fechar seus ciclos. Então, o ar condicionado da casa é um duto que vem de uma espiral de ervas e temperos

que faz parte dos jardins, e está solidário a uma escada que está projetada como uma chaminé conectado ao sótão, para fazer a convecção, refrescando de forma passiva e aromatizando o ambiente. Isto gera uma nova harmonia na arquitetura.

CR – Há quanto tempo existe este projeto?

OU – Sou ecologista de tempo integral desde 1970. Já na faculdade de arquitetura, eu tinha claro que a ecologia era uma vertente e uma necessidade da população. Então, em nossa turma de escola, começamos em 1982 a desenvolver um projeto na Cooperativa no Bairro Santa Afonso em Novo Hamburgo (Coo-basa-RS). Como na época, era proibida a formação de cooperativas habitacionais, tivemos de formar uma cooperativa de consumo, a Coobasa. O Estado tem uma visão destorcida do que seja cooperativismo, por ignorância de economia e devido às falsas cooperativas que se constituem na década de 70, dentro dos projetos legais da época, atreladas ao Estado. Importante lembrar que as cooperativas que estavam interligadas ao movimento cooperativo internacional, através da Aliança Cooperativa Internacional – ACI, que congregam mais de um terço do planeta, não aceitavam o Brasil como integrante, porque as cooperativas brasileiras eram tuteladas pelo Estado. Somente após 1988, elas foram liberadas dessa tutela. Assim, o Brasil passou a ser aceito. E esses projetos, mais viáveis.

CR – E o Ecoovilas é o seu primeiro condomínio?

OU – Com a marca “ecoovilas” sim. A Arcoo é uma cooperativa de trabalho transdisciplinar. É uma escola de economia de habitação, baseada no trabalho de Paulo Freire, pois a “palavra geradora” que ele mais utilizou foi “tijolo”. E precisamos, principalmente para as populações mais carentes, por meio da produção da habitação, alfabetizar a economia da habitação, a sua sustentabilidade, o paisagismo produtivo, apreendendo, educando e incrementando a mesa familiar. Meu escritório de arquitetura em 1992 virou essa cooperativa. O engenheiro Miguel Sattler, coordenador do Norie

da Ufrgs, é o sócio número dois dessa cooperativa, ajudando a fundá-la. Há físicos, psicólogos, acadêmicos, educadores que viram na via da habitação, na organização de grupos, uma forma de sua atuação profissional. O projeto do Ecoovila 1 nasceu em 2001 e contempla 28 casas e a nossa sede de trabalho e educação ambiental. Temos um livro editado sobre um trabalho de 500 apartamentos permaculturais, mais sustentados, realizado para os metalúrgicos de Porto Alegre. E toda a estrutura do Estado e do município representava barreiras quase intransponíveis. Levamos quatro anos e meio para aprová-lo na prefeitura, quando era um projeto com baixas taxas de ocupação e baixos índices de aproveitamento. É um projeto que é reconhecido fora do país. Há cinco anos, fiz uma oficina em Santa Maria, com 40 representantes da Vila Santa Marta, pois eles queriam montar uma cooperativa para produzir casas ecológicas. Quase 60% deles fumavam. A oficina se deu em uma escola de 1º grau, com crianças de 12 anos que fumavam sem nenhum tipo de limite. Pelos corredores, pacotinhos de “falsos alimentos”, de várias coisas, voavam sem limites. Eu propus, então, que eu os ajudaria desde que eles fizessem um cálculo comigo e assumissem o resultado dessa conta. Fomos colocando no quadro-negro o cálculo em 24 meses do que era a economia mínima desperdiçada. Calculamos 1.600 fumantes e multiplicamos por 24 meses, mais o consumo mínimo de álcool e excesso de remédios. Incluímos ainda os números do excesso de energia elétrica e de água e pacotinho de salgadinhos. Não entrou o cálculo do telefone celular, que hoje é marcante. Tudo isso somou aproximadamente R\$ 23 milhões. Concluíram o quanto coletivamente eram ricos. Mas eles continuariam nesse sistema individualizado e insustentável ou passariam a trabalhar, coletivamente, solidarizar seus recursos e assumir essa riqueza. Esse é o grande ensinamento que a economia solidária e a ecologia podem dar. Sistematizamos essas coletivizações e essas interdependências para a produção dos espaços e organização das sociedades, através da permacultura. Por isso é que, na permacultura, chamamos de estruturas visíveis a edificação, a infra-estrutura, a paisagem e as fontes energéticas. Chamamos de estruturas invisíveis as nossas empresas, que têm os mesmos ciclos que a natureza. O cooperativismo está em sua base, como as fundações, as instituições sem fins lucrativos, o que não significa sem fins de resultados. É a democratização dos resultados que define o fechamento do ciclo, portanto é a volta às origens da geração dessas energias.

CR – Qual é a relação da arquitetura com o cooperativismo?

OU – Fomentamos a economia solidária e a interdependência entre os mais e os menos pobres, e entre os não-pobres. Fazendo um paralelo com a ecologia, por exemplo, em uma floresta não existe segmentação. Há uma interdependência sincrônica entre muitas dimensões energéticas, insetos, gramíneas, árvores de médio porte, arbustos, árvores frondosas e pássaros que migram continentes, representando, assim, fluxos de importação e exportação. Nada é igual, o que existe é equidade, isto é, ser justo com as diferenças. Esses são os valores que buscamos. Esta é a arquitetura em que somos vertentes. Antes de tudo sou um



Ecoovila BioBrasil: projeto de habitats sustentáveis de comunidade de agricultores familiares

arquiteto. Eu pratico o cooperativismo para criar poder de realização para produzir espaços auto-sustentáveis.

CR – Você não acha que a questão da sustentabilidade hoje virou moda, principalmente com o aquecimento global?

OU – Eu não chamaria moda, mas sim alerta de que o planeta está pequeno, em crise. E hoje as pessoas viram que, se não salvarem a “ecologia”, não iremos muito longe. Assim, o tema é a “bola da vez”, mas estamos conscientes de que o olhar não é integral. Algumas construtoras estão buscando fazer uma boa contribuição. Outras, possivelmente, e que destruíram o tempo todo, vão ter muito mais verbas, aproveitando esta “moda” da sustentabilidade. Elas vão aplicar selos verdes, que é uma referência hoje, mas que já estava integrado ao nosso trabalho há muito tempo. Vão aprender algumas regras do prédio verde, mas não vão produzir a sustentabilidade. Temos um mercado fabuloso, mas a insegurança de trabalho e a concentração das verbas são muito grandes. As imensas verbas são destinadas a sistemas individualizantes e insustentáveis. Quando você vê, as pessoas que deveriam somar, para gerar muita produção, competem e estrangulam, matam a produção. Portanto, se tivéssemos tido condições de ter construído os 500 apartamentos, aqueles prédios em 1994, o referencial de mercado seria outro e estaríamos também transcendendo a palavra “moda”.

CR – E a sustentabilidade pode ser sinônimo de conforto?

OU – É sinônimo de conforto e de economia. A produção auto-sustentável é mais barata e os projetos devem levar a maior conforto térmico entre outros. A posição solar, a integração com os jardins, os telhados vivos, o reuso das águas são projetados para uma adequada adaptação às estações do ano. Por outro lado, as nossas casas custam 60% do que o

valor de mercado, com o sistema de poupança prévia, por haver uma coletivização no modo de produção, inclusive na compra da área. Portanto, no modo de competição, a construção é mais cara, mas no modo de produção e cooperação e economia solidária é mais barata, pois cria poder de realização e possibilita o desengavetamento de pesquisas e conseqüentemente a melhoria dos padrões de habitabilidade. Trabalhamos com uma metodologia de coletivização das necessidades, das aspirações, porém de padronizações. O funcionamento é como uma fábrica de automóveis. As soluções propostas são padronizadas: por exemplo, as casas são colocadas na posição solar correta; as escadarias são feitas como uma chaminé, por conta da emissão do ar, fazendo uma espiral do ar condicionado subterrâneo; um forno-lareira-fogão no centro da casa, que fornece ar quente nos banheiros e no quarto sul. Além disso, toda a nossa água é devolvida à natureza depois de reutilizada e tratada biologicamente. Temos também no telhado a aquicultura, com plantas, flores, peixes, tartarugas, ajudando no conforto e evitando as infiltrações das coberturas. Na permacultura, a meta do projeto é que aqui se tenham 900 metros quadrados de parreiras e que a gente colha e produza vinho em parceria com os produtores de vinho da Vila Nova, fomentando a cultura local. O paradigma da cooperação é a grande aprendizagem nas construções sustentáveis. Você tem de solidarizar com a natureza e não competir com ela. A consequência é conforto térmico também. Dentro da engenharia e arquitetura, ao meu ver, a engenharia mecânica é a que melhor usa esse termo, a solidariedade, a interdependência.

CR – Quais são os atuais projetos?

OU – Hoje existe o resgate de um trabalho onde ganhamos um prêmio em 1995. Foi o concurso Antac – Plea. Ganhamos o terceiro lugar em 40 participantes de todo o planeta. Foi um projeto de uma comunidade de 20 famílias de agricultores à beira de uma área de produção extensiva. Parte da proposta era implantar em nosso país o projeto nacional premiado. A Ecoovila Bio Brasil é um projeto de habitats sustentáveis de comunidades de agricultores familiares. Essas comunidades têm dois objetivos básicos. Um é a moradia e demais serviços intrínsecos como educação, arte, lazer, etc., e o outro é a produção de biodiesel a partir da produção de grãos (soja e girassol). Para isso em cada ecoovila haverá a agroindústria implantada como interface desses empreendimentos. Organizados através da Rede Bio Brasil, buscamos apoio e financiamento através do Ministério da Reforma Agrária, Petrobras e Caixa Econômica Federal (CEF). Atualmente em fase de organização dos projetos e das comunidades, esse banner acompanha os congressos e feiras de agricultura familiar e de agroecologia.

Também estamos prestes a lançar a Ecoovila 2, na Vila Nova. Serão 9 hectares para mais 56 famílias. Iremos avançar mais em questões como captação solar fotovoltaica, tratamentos e reuso das águas e educação ambiental. Temos várias áreas disponibilizadas por seus proprietários para outros empreendimentos. Passamos uma fase de consolidação de nossas estruturas organizacionais para avançar nessa contribuição à nossa sociedade. ☺